

REVISTA O BUSCADOR
REVISTA DE CIÊNCIA MAÇÔNICA
LOJA MAÇÔNICA DE ESTUDOS E PESQUISAS RENASCENÇA Nº 1

PARA FALAR DE MAÇONARIA: INTERPRETANDO AS INICIAÇÕES
ATRAVÉS DOS TEMPOS

Luiz Carlos Silva *

SUMÁRIO

A Francomaçonomia e os Antigos Mistérios tem entre si pontos comuns, que podemos, sem aventurar nada absolutamente, considerar uma como a sucessão dos outros. Por quê? Que eram os Antigos Mistérios? Que se ensinavam neles aos Iniciados? Que coisas se lhes revelavam? Se consultarmos as obras que se ocupam dos Mistérios, nos persuadiremos que seu segredo era a doutrina dos sábios e filósofos da antiguidade...A Iniciação era dividida em muitos graus ou épocas, porque se pretendia instruir ao Iniciado, paulatina e sucessivamente, mas, com as devidas precauções para não chocar abertamente com as preocupações de sua primeira educação... A Iniciação antiga era a verdadeira religião, à qual depois foi chamada justamente católica, porque deve ser a de todos os povos ilustrados do universo. A religião ensinada por Moisés, pregada ou predicada por São João e selada com o sangue de Jesus. Sim, a religião cristã saiu dos Mistérios da Iniciação segundo se observa em sua primitiva simplicidade...Fica claro, pois, que a Maçonaria, embora não sendo uma religião em particular, é uma instituição religiosa e filantrópica. No primeiro conceito, a sabedoria dos seus princípios e a pureza de sua moral, tão conformes com os evangélicos, devem necessariamente torná-la objeto de profundo respeito. Com relação ao segundo que a torna tão recomendável, é uma instituição merecedora dos maiores sacrifícios por parte de seus membros...A palavra perdida, revelada no decorrer dos graus superiores e conservada com todo esmero sobre o pedestal da ciência, forma o segredo da perfeição maçônica e o emblema histórico das perseguições sofridas pela maçonaria nas diferentes épocas...Acreditamos ser o suficiente o que temos dito, para demonstrar que o objetivo da Iniciação Antiga e da Maçonaria que daquela trás origem, não é outro que o de preparar o homem para a sociedade, através do estudo das ciências e da prática de todas as virtudes que dele exige o bem estar geral.

Palavras Chave: Antigos Mistérios. Iniciação. Religião. Maçonaria. Palavra Perdida.

ABSTRACT

The Freemasonry and the Ancient Mysteries have common points among them, that we can, without venturing anything at all, consider one as the succession of the others. Because? What were the Ancient Mysteries? What were they taught to the Initiates? What things were revealed to them? If we consult the works which concern themselves with the Mysteries, we shall persuade ourselves that their secret was the doctrine of the wise and philosophers of antiquity... Initiation was divided into many degrees or epochs, because it was intended to instruct the Initiate gradually and successively. With due precautions not to bump openly with the concerns of his early education... The Ancient Initiation was the true religion, which was then called justly Catholic, because it must be that of all the enlightened peoples of the universe. The religion taught by Moses, preached or preached by St. John and sealed with the blood of Jesus. Yes, the Christian religion has left the Mysteries of Initiation as seen in its primitive simplicity ... It is clear, then, that Freemasonry, though not a particular religion, is a religious and philanthropic institution. In the first concept, the wisdom of its principles and the purity of its morals, so conforming to the evangelicals, must necessarily make it an object of profound respect. The lost word, revealed in the course of the higher degrees and carefully preserved on the pedestal of science, forms the secret of the Masonic perfection and the historical emblem of the persecutions suffered by Freemasonry in the different eras ... We believe that what we have said is enough to show that the goal of Ancient Initiation and Freemasonry that originated from it is none other than that of preparing the Man to society, through the study of the sciences and the practice of all the virtues which his general well-being requires of him.

Keywords: Ancient Mysteries. Initiation. Religion. Freemasonry. Lost Word.

* O autor é Venerável Mestre da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº 1 e Ex-Venerável Mestre da Loja Simbólica Professor Leônidas Santiago nº 16. É ecofisiologista, formado em Agronomia e com grau de doutor em Recursos Naturais.

INTRODUÇÃO



Parece-nos conveniente fazer preceder uma obra consagrada à maçonaria de algumas considerações sobre esta instituição tão admirável tanto por sua antiguidade, como pelas névoas que rodeiam e encobrem sua origem.

Poderia comparar-se a Maçonaria às famosas pirâmides do Egito, das quais parece ter-se originado. Estas construções gigantescas embora desnudas das pedras que as revestiam e as adornavam, suas portas permanentemente cerradas e seus corredores e subterrâneos silenciosos, atestam também por sua grandeza e majestade o poder de seus fundadores e seus conhecimentos nas artes e nas ciências. As pirâmides parecem, ao espírito assombrado, anunciar os mistérios que presenciavam; do mesmo modo que a maçonaria, ainda hoje pouco conhecida, é uma grande instituição, cuja história excita a curiosidade e sobre a qual se formam juízos diversos. E, ao se pensar em Maçonaria, a impressão mais comum é a de que seja uma sociedade secreta subversiva, com ramificações no mundo todo com o objetivo de derrotar as monarquias europeias e o clero romano. Ainda, se tende a pensar que essa Instituição surgiu no século XVIII, como resultado das revoluções científicas e culturais iniciadas com o Iluminismo. Entretanto, as origens da Maçonaria ocorreram bem antes do que normalmente se imagina. Segundo Claudio Blanc a Ordem não nasceu com o nome pelo qual a conhecemos, nem no século XVIII e, menos ainda, na Europa. Na verdade, afirma Blanc, os fundamentos da Maçonaria estão presentes em diversas sociedades antigas, como na Índia pré-ariana, na religião dos mistérios do Egito e da Grécia, e também, no Budismo e no Zoroastrismo.

QUE É MAÇONARIA?

A maçonaria é, então, uma continuação dos mistérios antigos ou uma instituição moderna? Ou é acaso uma e outra coisa? Nada existe escrito nos arquivos da Sociedade sobre isto. Tudo é tradicional. Como podemos, então, separar o que é antigo do que é ou pode ser moderno?

Na primeira instrução do grau de Aprendiz, Ritual do Grau de Aprendiz Maçom da Grande Loja do Estado da Paraíba, lê-se: "... Meus Irmãos, do mesmo modo que os antigos sábios egípcios que, para subtrair seus segredos e mistérios aos olhos dos profanos,

ministravam seu ensino por meio de símbolos e alegorias, a Maçonaria, continuando a tradição egípcia, encerra seus ensinamentos e filosofia em símbolos e alegorias, pelos quais oculta suas verdades ao mundo profano, só as revelando àqueles que ingressam em suas Lojas...".

Não é nosso objetivo, porém, realizar esta tarefa, vamos deixá-la à sagacidade do leitor. Limitaremos-nos a expor nossas ideias sem pretender impor nosso modo de sentir como regra de conduta. Pode ser, não obstante, que abramos, para muitos, uma nova via a recorrer se acaso formos tão felizes que nosso desejo seja compreendido como o de uma nova luz.

Muito se tem escrito sobre maçonaria, sem que nossa curiosidade tenha ficado completamente satisfeita. Os escritores profanos a tratam com grande depreciação e preconceito, porque não conhecem a matéria de que tratam. Os escritores maçons o fazem com entusiasmo exagerado; Nem uns nem outros nos tem transmitidos o que desejamos saber; porque ou não puderam ter acesso ao segredo da instituição, ou não o quiseram e, tenham preferido guardar silêncio sobre sua historia, provando-nos mais uma vez que tudo parece mudo na arte real.

Extraordinário é o desejo que nos anima e impulsiona para contar com feitos positivos sobre a história de uma sociedade tão disseminada por todos os povos do orbe, ainda mais quando se sabe que esta sociedade tenha contado, em seu seio, com homens ilustres de todas as épocas vendo-se, também, brilhar nela, muitos, justamente pelo seu saber e suas virtudes. Como é, pois, que sábios de todas as nações tenham podido ser e sejam partícipes dos mistérios da maçonaria sem se haverem informado de sua origem? E, como é que se eles a tenham penetrado nos mistérios, hajam guardado o mais profundo silêncio, sem deixar vestígio algum a respeito nas obras que nos tenham legado? Seria porque, como iniciados nos antigos mistérios, a doutrina do juramento lhes tenham emudecido? Se bem que o juramento não tenha sido um obstáculo nas suas investigações sobre a história da instituição, parece, então, que seu silêncio seja proveniente da falta dos documentos necessários para que se entregassem a esse trabalho.

Privados nós, também, daqueles materiais, nos atreveríamos a apresentar ao leitor nossas conjecturas sobre a origem de tão nobre instituição?

Não é, por certo, senão com grande desconfiança de nós mesmo que trataremos de levantar a ponta do véu que a cobre; servindo-nos de desculpas, esta mesma desconfiança, o cuidado de entregar-nos com a consciência limpa e um coração sincero, ao descobrimento da verdade, expondo-a na sequência em dois tempos.

Embora hajam suscitado dúvidas por alguns escritores sobre a antiguidade da maçonaria, nem por isso deixaremos de crer firmemente de que traz sua origem dos mistérios egípcios. Os três graus conhecidos com o nome de maçonaria azul, vêm em apoio à nossa opinião, pois

as provas, a aprendizagem e os resultados esperados e por vez conseguidos, são os mesmos.

Há diferença, sem dúvida, dos meios que tinham à sua disposição os primeiros iniciadores ou hierofantes da antiguidade, do tempo que empregavam na “preparação” do neófito, ou do que lhes era necessário para o estudo da ciência, de tudo enfim, que se limita a iniciação moderna.

É possível julgar os obstáculos que eram necessários vencer nas iniciações antigas, pelo magnífico quadro que nos oferece o sexto livro da Eneida no qual Virgílio conduz seu herói Eneias aos infernos ou “mundo dos mortos”, quadro que foi considerado ainda, no tempo de Augusto como o traçado das provas da iniciação antiga. Encontram-se em “O Asno de Ouro” de Lucius Apuleius, detalhes notáveis sobre a natureza daquelas provas. Acham-se, enfim, nas viagens de Pitágoras⁽¹⁾, trabalhos curiosos cheios de erudições e descobertas sobre os costumes antigos, onde se encontram relatos que parecem bastante exatas referentes aos trabalhos a que deviam submeter-se os que aspiravam à iniciação. Eram tão numerosos os trabalhos e tão terríveis a provas, que se disse que Orfeu não pode resisti-las e, somente lhe foram dispensadas em obsequio aos melodiosos acordes de sua lira.

Os irmãos que lerem as obras que acabamos de citar terão convicção de que as provas modernas são, apenas, uma benigna e breve representação das antigas, as quais foram necessárias modificar, atendendo ao atual estado de nossos conhecimentos e as relações dos indivíduos com a sociedade.

Os hierofantes iniciadores, na época à qual aludimos, participavam do poder governamental, e a sociedade civil não tinha direito de pedir-lhe conta dos indivíduos que entravam no interior dos templos, talvez para não voltar a sair jamais. Estes templos ocupavam uma vasta extensão de terra, absolutamente fechados aos profanos. Se chamavam templo, não apenas o lugar em que se reuniam para as cerimônias do culto, mas todo o recinto dos edifícios ocupados pelos sacerdotes destinados a este serviço. Com a ajuda da física que lhes era familiar, surpreendiam ao neófito já preparado pelo terror e pelos perigos a que lhe expunham. E se não estão hoje em prática os mesmo métodos, conservamos fielmente suas lembranças.

Como foi que os mistérios chegaram até nós? Em que época os iniciados tomaram o nome de Francomações?

Este ponto nos parece difícil de resolver, embora esta incerteza não destrua o que temos dito acerca de serem os Antigos Mistérios e a Maçonaria a mesma coisa.

Concordamos com alguns que, à exceção da maçonaria azul, que compreende os três primeiros graus, os que seguem são de invenção moderna, embora façam referência ao tempo dos templários; outra, parece anexar aos filósofos herméticos, quando estes se ocupavam do descobrimento da pedra filosofal, “loucura” à qual devemos a existência da química, uma das ciências mais belas e úteis à humanidade atual. Outra parte, enfim,

parece dever-se a um resto de judaísmo, conservados pelos Iniciados do oriente, a quem consideramos como os verdadeiros autores dos Mistérios atuais.

Há de se perguntar: por que a Maçonaria Azul tomou o “fundo” de seu sistema da bíblia e empregado a linguagem hebraica para suas palavras misteriosas?

Cremos, não obstante, poder dar a esse respeito, uma resposta satisfatória.

Parece estar-se de acordo sobre a hipótese de que os Mistérios, ou melhor, a Maçonaria foi trazida para a Europa pelos cruzados e, foi talvez nesta época, que tomou seu novo nome. Não seria coisa surpreendente que os que se preparavam para conquistar a terra santa e plantar nela o estandarte da cruz, tenham encontrado os mistérios conservados nesta parte do oriente por um pequeno numero de cristãos que ali se encontravam, aceitando-os como vínculos que lhe unissem mais estreitamente a homens que podiam e deviam ser-lhes úteis, não sendo de estranhar que os novos iniciados houvessem adotado, com a linguagem dos primeiros, o projeto de reconstruir o templo de Jerusalém. Reconstrução que é sempre o objetivo dos votos do povo judeu. Certamente mais adiante tenham sido reconhecidos pelo dito de maçons livres, em oposição ao ofício vulgar de pedreiros ou simples oleiros que era exercido por escravos ou servos, sendo a condição de homem livre requisito necessário para ser admitido na Iniciação. Nada parece mais natural.

Fundamentado este precedente, nos parece menos difícil conceber como a Maçonaria “sacou” da Bíblia os meios e títulos de sua organização, ou melhor, de sua reorganização. Sabe-se que os primeiros cristãos eram judeus reformados e que antes que a nova religião tivesse tomado sua forma exterior, seguiam, ainda, a lei de Moisés. Os Iniciados que fizeram a revolução foram logo sobrepujados por outros sectários mais ardorosos, segundo parece; não adotaram, contudo, todas as inovações, sendo prova disso os cismas dos quais a história da religião está cheia. Os Iniciados permaneceram cristãos judeus; a Bíblia foi sempre seu livro sagrado, sua lei fundamental, também, suas formulas permaneceram hebraicas.

Que os mistérios haviam experimentados algumas mudanças quando os Europeus se iniciaram em grande número para formar uma sociedade à parte, é bem possível de ser verdade; mas sem separar-se absolutamente dos hebreus que lhes haviam ensinado tais mistérios, tomando da sua história e de seus livros canônicos, as palavras e emblemas da Maçonaria: meio certo de se entender e de enlaçarem os Mistérios antigos aos modernos. Tal parece ter sido o destino da religião judaica, origem ou principio de todas as instituições do cristianismo.

Mas, muito tempo atrás, os mistérios egípcios foram sem duvida, adaptados às crenças e cultos dos hebreus. A Maçonaria, que remontamos à época das cruzadas, poderia muito bem datar de tempos muito mais longínquos: e neste caso, a questão estaria resolvida, pois os hebreus não deviam buscar senão em seus livros, os

emblemas com os quais deveriam familiarizar aos Iniciados e aos que acrescentaram graus de iniciação, vendo-se obrigados a tomar esta por tema ou norte de suas agregações, sendo, por conseguinte, que uns e outros tenham emergido da mesma fonte ou origem.

Os cavaleiros hospitalários de São João de Jerusalém, conhecidos com o nome de Templários, ou seus sucessores os Francomações, parecem ser, como temos dito, os autores da maior parte destas adições. Acredita-se que haviam sido inventadas por aqueles cavaleiros nos tempos de seu esplendor, para isolar-se da multidão de iniciados, se não, admitir-se-ia que os novos graus de iniciação, tinham quase todos, por objetivo a restauração da “Ordem” depois de sua queda.

Não há dúvidas, como se vê, que os Templários foram iniciados desde o primeiro momento da sua criação; que é a eles a quem a Europa é devedora da Maçonaria, sendo suas práticas secretas que serviram de pretexto para a acusação de heretismo e ateísmo, conduzindo-os ao trágico fim que tiveram.

As desventuras destes cavaleiros e as perseguições que experimentaram, às quais sucumbiram, os forçaram a buscar como ultimo refugio os Mistérios a cujo estabelecimento tanto haviam contribuído, nos quais não deixaram de encontrar consolo e os recursos mais necessários. A situação em que se encontravam não era comum aos outros Iniciados e, logo tratam de mesclar-se com eles, sem separar-se, não obstante, da grande família dos Francomações.

Formaram os graus que vemos adicionados aos três primeiros, não os comunicando senão àqueles adeptos cuja decisão e coragem eram reconhecidas pela “Ordem”.

Os Templários desapareceram da sociedade civil, mais deixaram por seus sucessores os Francomações e suas instituições que sobreviveram à sua desgraça.

Perguntam-nos a cada dia: que são esses mistérios dos quais tanto se falam aos iniciados e que jamais lhes revelam? Não podemos, entretanto, evitar certa surpresa sempre que um Iniciado nos interroga sobre isto e, julgamos desde logo, ou que não se tenha dado ao trabalho de meditar, ou apenas se tenha ocupado da exterioridade da forma da sua iniciação.

Concordamos, se assim queiram, que a Maçonaria que hoje tem chegado a ser quase vulgar, não é o que foi na sua origem, mas, diremos no entanto, que esta mudança não é tão importante, pois se quiserem reputar como falta, esta falha não é da instituição mas, dos homens e das circunstancias, que não são e nem podem ser os mesmos em todos os tempos.

OS MISTÉRIOS ANTIGOS, AS INICIAÇÕES E A MODERNA MAÇONARIA

Temos afirmado que a Francomaçonnaria e os Antigos Mistérios tem entre si pontos comuns, que podemos, sem aventurar nada absolutamente, considerar uma como a sucessão dos outros. Por quê? Que eram os

Antigos Mistérios? Que se ensinavam neles aos Iniciados? Que coisas se lhes revelavam?

Se consultarmos as obras que se ocupam dos Mistérios, nos persuadiremos que seu segredo era a doutrina dos sábios e filósofos da antiguidade, que deixando ao povo inculto e ignorante a sua estúpida idolatria que tão bela lhe parecia, se reuniam, à parte, para cultuar a um único Deus criador e conservador de todas as coisas, a um Deus clemente, a um Deus eterno digno das homenagens de todos os homens.

A Iniciação era dividida em muitos graus ou épocas, porque se pretendia instruir ao Iniciado, paulatina e sucessivamente, mas, com as devidas precauções para não chocar abertamente com as preocupações de sua primeira educação.

Era necessário que estivesse, então, fora da idade das paixões, persuadindo-se-lhes, à medida que se lhe instrua sem pretender impor-lhe a crença à força da autoridade; ensinando-se-lhes as ciências humanas, encerradas unicamente no santuário dos Templos, antes de mostrar-lhes a verdade. Depois de estudos que duravam pelos menos três anos, algumas vezes mais, o Neófito era conduzido ao interior, ou seja, à parte mais secreta do Templo, onde lhe era revelado o verdadeiro objetivo da iniciação.

Os verdadeiros Iniciados olhavam com desprezo para a idolatria, que consideravam como um absurdo. E se entravam de novo no mundo profano, respeitando e submetendo-se aos cultos estabelecidos, não o faziam senão por deferência a opiniões, às que era perigoso combater diretamente.

Afinal, à medida que a Iniciação se estenda, e que a filosofia e as artes tenham ilustrado aos povos, o culto dos ídolos tende a perder seu credito, concluindo por ser de todo abandonado. Tal era o objetivo dos Grandes Mistérios.

Da Iniciação saíram todos os filósofos que ilustraram a antiguidade, e somente à extensão dos Mistérios são devidas as mudanças que temos observado nas religiões dos povos. Quando os Mistérios chegarem a se tornarem vulgares, esta grande revolução se terá consumado.

Moisés, educado no Egito, na corte de um faraó e sem duvida, iniciado nos Mistérios Egípcios⁽²⁾, foi o primeiro que estabeleceu o culto publico do Deus dos Iniciados, do verdadeiro Deus. Seu decálogo era a lei que regia aos Iniciados, e sua forma fisica foi “copiada” dos templos de Mênfis, se bem que a lei de Moises não foi senão um ensaio imperfeito da aplicação dos princípios da iniciação, porque não eram, ainda, chegados os tempos nos quais estes princípios se tornariam a religião universal conhecida com o nome de Catholicismo.

A Iniciação antiga era a verdadeira religião, à qual depois foi chamada justamente católica, porque deve ser a de todos os povos ilustrados do universo. A religião ensinada por Moisés, pregada ou predicada por São João e selada com o sangue de Jesus. Sim, a religião cristã saiu dos Mistérios da Iniciação segundo se observa em sua

primitiva simplicidade, sendo esta mesma religião a que se tem conservado, íntegra nos Templos da Maçonaria.

Qualquer que seja o modo que se considere para a sucessão dos Mistérios até nós, parece evidente, pelos emblemas que decoram as lojas dos maçons de todos os ritos que sua introdução na Europa, sob o nome de Francomaçonomia, já reconhecia um objetivo religioso, não obstante ser também outro seu intento, que é o da hospitalidade para os soldados cristãos, viúvas e órfãos de guerreiros mortos pela religião nos campos de batalha do oriente; devendo-se não jogar no esquecimento que tão laudável propósito não poderia favorecer menos o crédito que desde sua origem obteve tão filantrópica instituição.

No início do século XIV, os Cavaleiros do Templo, que os “Maçães” olhavam como seus instituidores, morreram quase todos numa catástrofe espantosa e, os poucos que escaparam dos cadafalsos, se refugiaram entre os Francomaçães, que os receberam afetuosamente, acolhendo-os e protegendo-os com toda força do seu poder.

Poucos amigos de disputas teológicas, os Francomaçães se obrigaram apenas a não ocuparem-se jamais de questões religiosas. Esquecendo-se até certo ponto de que a sua instituição era a fiel depositária da verdadeira religião católica ou universal e, se limitaram a pregar no interior de seus templos a moral do evangelho, a recomendar a submissão às leis civis e o exercício de todas as virtudes sociais, exaltando a hospitalidade e a beneficência. Não se quer dizer com isso que os maçães de quaisquer épocas sejam todos virtuosos, mas a Sociedade ou Ordem Maçônica o é por excelência, e não poderia substituir senão baseada nestes princípios.

Fica claro, pois, que a Maçonaria, embora não sendo uma religião em particular, é uma instituição religiosa e filantrópica.

No primeiro conceito, a sabedoria dos seus princípios e a pureza de sua moral, tão conformes com os evangélicos, devem necessariamente torná-la objeto de profundo respeito.

Com relação ao segundo que a torna tão recomendável, é uma instituição merecedora dos maiores sacrifícios por parte de seus membros.

Não foi, senão por um feito notável de prudência de parte dos Francomaçães, a razão pela qual o lado religioso da instituição tenha sido abandonado à perspicácia dos seus iniciados e que tão pouco se lhes decifrem os mistérios ocultos aos olhares superficiais pelos símbolos emblemáticos da Maçonaria, tanto que em todos os discursos e exemplos emanados “dela”, são concebidos de modo a recomendar amor a seus semelhantes como virtude de todo maçom.

Tal é o verdadeiro objetivo dessa Instituição tão atacada e até menosprezada por aqueles que não a conhecem. Os iniciados sabem que nada temos dito que não esteja de acordo com os princípios que professamos e, se nossa boa fé não puder persuadir aos profanos, esperamos que nos olhem com imparcialidade, não condenando os nossos irmãos sem ouvir-lhes, nem

negarem que se a Maçonaria é tal como o descrito neste ensaio, deve receber, ou melhor, merecer o apreço de todos os homens honrados.

Há mais de dois séculos que escritores maçônicos costumam iniciar seus trabalhos informando que muitos dos que têm escrito sobre esta instituição ou não a compreendiam ou propositalmente queriam desencaminhar os seus leitores. Há quem tenha considerado a Maçonaria como uma sociedade fundada pelos Templários; há os que a remontam aos tempos de Salomão e dos antigos patriarcas; ou ainda os que têm pretendido encontrar sua origem nas Cruzadas ou ainda, reputá-la como uma sociedade prejudicial criada por Manés⁽³⁾. Não resta dúvida, que a causa natural destes erros ou desencontros de informações são causadas pelas mudanças ou metamorfoses e alterações pelas quais haja experimentado no transcurso do tempo.

Poderíamos dizer que a primeira instituição humana foi a primeira reunião de homens em sociedade. Em tal conceito, não devemos perder de vista, ao falar da nossa espécie, dois elementos pelos quais tenha passado e que sempre será para ela de um interesse preferente, quais sejam: o estado natural e o estado social.

Analisando o homem desde a sua origem sob este duplo aspecto, saberemos de que modo tenha passado de um estado a outro; sendo nosso único desejo indicar a “pista” pela qual se encaminhou para sair da barbárie e conquistar seus direitos, que por sua vez os colocou em harmonia com seus semelhantes, criando um verdadeiro estado social, oferecendo-lhe a felicidade possível sobre a terra que habita. Tal é o pensamento que deciframos no primeiro grau ou iniciação à Maçonaria, na qual nos ocupamos em preparar o homem para melhor servir ao estado social, ensinando-o a reprimir suas paixões e a praticar ações úteis a ele e a seus semelhantes.

Os documentos escritos e monumentos que subsistem da antiguidade, nos dizem que ao formarem-se as sociedades primitivas, um homem de inteligência superior conseguiu afastar seus contemporâneos da barbárie, oferecendo-lhes os bens da civilização, sendo este mesmo o autor dos mistérios, o que separou o sagrado do profano, inventou a música e a lira, foi, enfim quem consagrou à divindade seus primeiros acordes, como o princípio de todas as Harmonias.

Estabelecida a Sociedade, em exercício os Mistérios como instituição benéfica e civilizadora, viram-se muito em breve identificados num único “corpo” pelos esforços de um sábio. Desse modo tem atravessado as gerações desde o princípio do mundo até nós, bastando fazer menção da cerimônia ou ato religioso e solene que se tem exigido sempre do homem nos povos civilizados ao entrar na Sociedade, para povoar a verdade incontestada de nossa assertiva.

A sociedade variou com o transcurso do tempo. Perdeu-se no caos da primeira degeneração dos costumes ou desordem social a regularidade de um primeiro ensaio de aperfeiçoamento humano. Muito embora, não faltaram homens virtuosos que escapando ao contágio de seus

contemporâneos, lutaram para salvar os frutos de uma moral regeneradora, tratando de restabelecer o antigo “estado” redobrando seu zelo e perseverança.

As vantagens que o homem civilizado havia conquistado sobre o homem selvagem, sem expô-las novamente aos azares de um ensaio ou experimento equivocado inesperado, inspirou a ideias de “colégios” nos quais os iniciados se entregavam ao estado de várias ciências tais como: as matemáticas, a astronomia, a navegação e a arte de curar, que eram ensinadas nestas escolas secretas e misteriosas onde ensinavam ainda, a prática de símbolos que recordavam a emancipação do homem social das cadeias e misérias da barbárie.

Ofereceu-se, desde logo ao iniciado, como estudo preferencial, o dogma da existência de Deus e a investigação das leis da natureza, resultado de sua bondade e sabedoria. Progrediam nestes estudos e, suas grandes descobertas advogaram por seu saber, criando os verdadeiros segredos da Iniciação.

A agricultura como útil e agradável à sociedade e a astronomia como guia inseparável da primeira, mereceram, também, entre eles um profundo e contínuo estudo. Esta foi a causa ou razão de chamar-se mistérios de Ceres ou do Sol, chegando por meio de seus adiantados conhecimentos dos fenômenos da natureza ao descobrimento dos dois princípios, “o bem e o mal” que por sua vez serviam de estímulo para aplicarem-se cada vez mais ao estudo das ciências que os transportavam para mais além dos limites da existência.

Não podia o homem no estado natural ou selvagem, ver diante de si outras penalidades além daquelas que por instinto esperava do isolamento em que se encontrava, sujeito aos rigores das intempéries e exposto aos ataques das próprias feras. Alguém mais “civilizado” pôde ter a ideia de Deus e da imortalidade da alma, além do dogma de prêmios e castigos após a morte, ou seja, o Elísio para os bons e o Tártaro para os maus.

Orfeu, Pitágoras, Moisés, Tales, Epicuro, Licurgo, Salomão e outros tantos antigos legaram à posterioridade testemunhos de saber como prova da importância da iniciação de que eram discípulos.

Os mistérios foram uma escola de moral e sabedoria que chegou a contar em seu seio grande numero de indivíduos de todos os povos então conhecidos, sendo admitidos nela apenas os homens verdadeiramente virtuosos e dignos. Alexandre o “grande” acusado de homicídio, e Nero o parricida, tentaram inutilmente pertencer ao numero de seus membros, negando-se, também, igual favor a Constantino, pela morte de seus parentes, das quais era acusado.

Fácil nos seria compreender quão solene e religioso era o caráter de todas as cerimônias da iniciação, cujo objetivo principal sempre foi a educação moral do homem. Bastando para isso deter-nos nas revelações que delas nos tem transmitido Homero, Apuleio⁽⁴⁾, Diodoro da Sicilia, Diógenes, Heródoto, Plutarco, Clemente da Alexandria e outros tantos sábios e filósofos da antiguidade.

Ninguém poderia, tão pouco, negar a identidade que existe entre os mistérios antigos e a iniciação moderna; porque à vista estão os marcos que conservamos daqueles ritos, e o conjunto de todos os que hoje reconhecemos e praticamos. A maçonaria não é agora o que foi naqueles tempos remotos. Haverá perdido de seu passado certa grandiosidade ou magnificência, revolução que se tem efetuado apenas em suas formas e não na sua essência, a qual conservamos no presente tão pura e intacta, como suas leves cerimônias esotéricas bem como os requisitos de admissão, que em todos os tempos havemos de saber respeitar religiosamente. Agora como antigamente apenas homens dignos são consentidos nela.

Sigamos, agora, ao recipiendário moderno no curso de sua recepção. Abandonado à si mesmo, entregue ao seus pensamentos antes de empreender aquela cerimônia. À semelhança do homem selvagem antes de ingressar na sociedade, se vê colocado num lugar de reflexão para que medite e conceba uma ideia do objetivo da instituição à qual aspira, e viaje em seguida pelos lugares que lhe indicam, dando início à instrução moral; não permitindo a decência, fruto do aperfeiçoamento social, o que para maior analogia com o homem selvagem, se apresente em um estado de completa nudez; se bem que o recebem nem nu nem vestido, para tornar mais perfeita a alegoria que representa.

A iniciação antiga, também, preparava de modo análogo ao Neófito antes de admitir-lhes nos grandes mistérios, aludindo do mesmo modo ao estado de isolamento, ignorância e abandono do homem selvagem. Aqueles iniciados à semelhança dos modernos, despojavam o recipiendário de todos os metais que levava ao penetrar no Templo, porque o uso deste é uma conquista, puramente do estado social.

A Sociedade cuja missão é a proteção e preservação de todos os seus membros tem, por sua vez, necessidade de quem proteja e defenda seus grandes e sagrados interesses. Tal é em resumo a necessidade de inspirar ao Neófito ou recipiendário a virtude e o valor que constituem na força moral ou vigor que devem possuir os adeptos, para o qual é um dever submetê-los a numerosas e terríveis provas, hoje reduzidas a formulas mais simples, mas nem por isso, menos eficazes e condizentes ao fim moral que se propõem.

Provada a postura do neófito, outro dos deveres era e é o de exigir o segredo inviolável sobre os mistérios, porque só desse modo se previne a indiscrição do iniciado e a curiosidade dos profanos.

O recipiendário representa o Neófito em nosso Templo após haver recebido a luz e no momento em que lhe vestem com o avental. Não é precisamente o primeiro distintivo o traje maçônico com o que se lhe adorna, aquele do qual fazia uso os homens em seu estado de barbárie? Vestido o Neófito com a primeira insígnia ou decoração maçônica, lhes advertem que deve apresentar-se com ele em Loja, indicação necessária a quem ignora, ainda, os usos estabelecidos em nossa Ordem. Não esquecendo o quão necessário é em meio aos profanos

apresentar-se com trajes que exige a decência e o progresso social.

Seu novo caráter o põe em contato com os demais membros da sociedade particular da qual, agora, toma parte; e para fazer-se reconhecer por eles e participar de seus trabalhos avançando na senda da perfeição moral, recebe uma palavra, toques e sinais. Que lhes abrem as portas de nossos Templos, estendendo suas relações fraternais por toda a terra, pátria dos Maçons.

Antigamente se exigia ao neófito o exercício assíduo da linguagem, que como fundamento lhe era ensinada. Igual costume observamos, hoje, com o maior escrúpulo, porque, não de outro modo poderia um Iniciado possuir o conhecimento da arte que professa, nem dar-se a conhecer devidamente ao outros adeptos seus irmãos.

Estes conhecimentos continuam sendo transmitidos gradualmente. Não nos esqueçamos de fixar na memória a lembrança daqueles homens virtuosos que foram verdadeiros pais da humanidade. Nem do primeiro entre todos, o qual havendo-se consagrado ao progresso desta, foi o que iniciou o conhecimento das artes, fazendo uso dos metais, abrindo à sociedade este campo de tantos, tão numerosos e úteis descobrimentos. A isto se acrescentam explicações oportunas sobre todos os objetivos que em nossa Ordem devem chamar sua atenção, os quais são restos ou simulacros dos Grandes Mistérios da antiguidade. Mostram-lhe a pedra bruta, imagem eloquente do homem entregue apenas ao seu instinto, a qual é necessário desbastar e polir com o cinzel de sabedoria, para que possa ocupar um lugar nas colunas de nossos Templos, verdadeiros santuários da virtude e perfeição humana. São-lhe necessários o trabalho e a perseverança. O trabalho, primeiro dever do homem e único que pode proporcionar-lhe os bens transitórios desta vida. Isto está representado entre nós e esteve antigamente no esforço do Neófito em superar os maus hábitos e funestas preocupações se quiser chegar a ser um membro digno da nossa Sociedade.

As pirâmides do Egito, os Pagodes da Índia e os asilos isolados dos Magos da Caldeia, deixaram, com o passar dos tempos, de serem os lugares celebres onde muitos dos antigos iam aproveitar-se das lições de sabedoria. Os povos mais civilizados daqueles tempos compreenderam a necessidade de fundar em seu próprio seio os augustos mistérios, podendo recorrer à história e encontrar a pista, a pegado ou sinal indelével e sagrado de tão grande instituição em meio a todos eles. E se os templos da Grécia e até mesmo a escola de Pitágoras veio depois perder a merecida celebridade de uma época mais remota a Maçonaria recolheu e conservou o tesouro inestimável de sua moral e seu saber.

Um povo ignorado até então, estava destinado a mudar a face do mundo e a transmitir-nos também sua religião e seus mistérios. Calavam-se os outros povos, talvez houvessem desaparecido, quando uma nova família crescente e poderosa aparece em cena no mundo, recebendo, certamente, a herança do passado para legá-la à posteridade. Falamos dos judeus.

O povo hebreu, que havia aprendido no Egito a ciência dos Mistérios, adotou a iniciação egípcia com as modificações necessárias que exigia a índole de sua nação. Na época que faz referência à construção de Templo de Salomão, não encontramos diferença alguma entre sua religião e os Mistérios que haviam adotado, confundindo-se ambos sob uma mesma forma. Eram os iniciados hebreus ocupados moralmente na construção do suntuoso edifício que dedicaram à sabedoria. Isto era do conhecimento da escola de Pitágoras e, mais tarde, quando os acadêmicos que dela se originaram foram perseguidos, se protegeram procurando acolhida e unindo-se aos Maçons cristãos ou judeus reformados.

Foram os sucessores destes últimos os que perpetuaram no oriente os mistérios sob o nome de francomaçonaria iniciando neles aos Cruzados. É a estes a quem devemos a criação da Ordem dos Templários celebres por suas façanhas e infortúnios. Se alguns historiadores pretendem que aqueles receberam este nome por haverem habitado nas cercanias do antigo Templo de Jerusalém, digo que o fato de não existir na época de sua origem vestígio algum de dita edificação, bastaria para demonstrar quão infundada é essa afirmação. Existe, além do mais, outra razão. A nós, parece regular que consagrados os novos Maçons do tempo das Cruzadas à construção de um Templo imemorial e, estando a Ordem composta por aqueles cavaleiros zelosos e decididos, houvessem adotado, com tão justo motivo, o nome de Templários.

Não poderíamos negar que a Maçonaria atual nos tenha sido transmitida pelos hebreus. A alegoria ou rito no qual repousa, é uma metáfora que nos convence de que nossos mistérios são uma exposição das doutrinas da iniciação antiga, com as mesmas precauções de que os sábios de então se rodeavam ao tratar de conservar o caráter esotérico de seus ensinamentos.

O desejo dos iniciados não se limitava apenas a dispensar ao homem os bens inumeráveis de estado social, a instruir-lhe nas ciências e nas artes além, de inspirar-lhe o amor à virtude; mas também, ensinavam a maneira de separar sua alma de todo laço terrestre e de aproximá-la da Divindade.

Era este o último resultado ou benefício ao qual aspirava o iniciado. O instruíam primeiro nas ciências, o faziam compreender muitas das realizações da natureza e, por este meio sempre seguro, o guiavam ao conhecimento da inteligência suprema.

Tudo era alegórico na iniciação. Os fenômenos naturais menos visíveis ou bem o movimento regular dos astros, tudo era objeto de estudo entre os iniciados. Poderíamos dizer outro tanto dos Maçons modernos. A cor azul das lojas, o sol, a lua, as estrelas que nas Lojas aparecem. Que outra coisa pode ser senão a representação indubitável dos Templos antigos? Nestes se encontravam duas colunas que o Neófito ao entrar neles, reconhecia ser uma da força e outra da sabedoria. Também, nossos Templos as possuem com a mesma finalidade, não ignorando uns e outros iniciados, quão necessários são ao

homem estes dois apoios em sua curta passagem na vida terrena.

A palavra oriente, empregada em nossas Lojas para designar o lugar que nelas ocupa o venerável, nos lembra a parte do horizonte por onde diariamente surge a luz que nos ilumina e vivifica e, para a qual o homem dirige sua atenção, buscando nela sua origem ou causa primeira. Quase todos os povos têm rendido igual homenagem ao pai da luz, como brilho maior e portentoso da Divindade, orientando a frente de seus templos em direção ao lugar por onde nasce aquele foral da natureza, fonte de toda vida. Nós, Maçons modernos, empregamos também essa palavra para indicar a parte da terra que originou e nos transmitiu uma nova luz, o Evangelho.

Tais são as noções que se depreendem dos ensinamentos da primeira parte da iniciação antiga e do atual grau simbólico de Aprendiz.

Encontramos no segundo grau da Maçonaria moderna a explicação de muitas artes úteis e seu exercício em proveito da sociedade. Era na segunda parte dos mistérios onde se iniciava o aspirante nas primeiras noções que deles devia conhecer, sem abandonar por isto, a alegoria astronômica que acabavam por decifrar mais adiante.

Já no terceiro grau, a fragilidade humana e a brevidade da vida lembravam aos iniciados o dever de serem virtuosos e a necessidade de morrer. Neste grau, complemento da iniciação antiga, começamos a descobrir o gênio hebreu. Acreditamos que estes não conheceram senão os dois primeiros da iniciação egípcia. Tais são as alterações que encontramos no terceiro grau de seu sistema simbólico: substituíram a revelação total dos mistérios que faziam os Egípcios, por outra alegoria mais condizente com suas idéias religiosas, ou seja, a morte de Hiram, que era entre eles um emblema da morte aparente do Sol no inverno ou do principio de todas as revoluções zodiacais, cuja historia começava nos dois primeiros graus.

Os hebreus escolheram a palavra Hiram, como a mais exata significação alegórica do personagem que queriam representar. Não puderam aceitar a Osíris como a sua grande divindade tutelar por ser contrária à sua religião o “espírito” do mito egípcio. Assim foi, que a palavra que para eles encerrava a ideia de alto, elevado, magnífico, era emblema de Deus Javé a quem adoravam, Hiram, a forma misteriosa e a imagem do Sol.

Os Maçons modernos que reconhecem neste, o primeiro e grande Arquiteto do Templo de Salomão, poderão encontrar sem muito trabalho o sentido que expressa a alegoria na qual aparece aquele Arquiteto como o ungido do senhor e o próprio cristo, em sua mais brilhante significação. Osíris, entre os Egípcios, representava, também o Sol, e eis aqui um fato importante que serve de núcleo para a fábula religiosa destes dois povos, ambos nascidos no oriente, mas distintos nas ideias e instituições. Não resta dúvida alguma da identidade de seus princípios religiosos: o fim trágico que se observa

numa e noutra divindade, e o ser ambos emblema de regeneração universal.

A história da construção do Templo de Jerusalém, que é a mesma de Hiram o arquiteto, forma a base dos novos mistérios, sendo fácil conceber qual tem podido ser o objetivo das adições que foram feitas desde o quarto grau, todas, sem dúvida, de origem hebraica.

Os graus de eleitos, perfeito, de escocês arquiteto e real arco eram os mais importantes da iniciação antiga. Neles, explicavam-se aos iniciados o dogma da existência de Deus ou causa primeira; investiam-nos do caráter de grão-sacerdote e lhe ensinavam a render à divindade um culto puro e livre de toda e qualquer superstição.

A palavra perdida, revelada no recorrer dos graus superiores e conservada com todo esmero sobre o pedestal da ciência, forma o segredo da perfeição maçônica e o emblema histórico das perseguições sofridas pela maçonaria nas diferentes épocas.

O grau 18 ou de rosa-cruz do rito escocês, aparece em data algo recente, considerada a origem remota de nossa Ordem. Alguns fixam sua origem na época das cruzadas. Seu caráter religioso, melancólico e cavaleresco, nos inclina a pensar e acreditar que assim o é, não obstante, que pretendam alguns que teve origem entre os maçons alquimistas da idade média ou rosencrossians aos quais confundem com os rosa-cruzes de época mais recente, cujas doutrinas são todas abstratas e filosóficas, enquanto que todos sabem que os primeiros formavam uma sociedade de homens consagrados exclusivamente a ensaios práticos sobre a transmutação de metais. Não duvidamos que existam algumas analogias entre os rosa-cruzes modernos e os alquimistas rosencrossians, mas seria a seguinte: estes últimos corriam atrás de um fantasma, a pedra filosofal, guiados por um interesse ilegítimo, enquanto aqueles tratavam ainda de depurar e enaltecere mais e mais os nobres sentimentos do coração e elevar o homem até a virtude.

Os alquimistas supunham que certas palavras eram possuidoras de um encantamento irreversível, realizando por meio delas, coisas maravilhosas que a natureza empregava anos para executar e, asseguravam que a Salomão não era estranha esta ciência, a qual lhe havia valido entre os orientais a reputação do mais sábio e poderoso dos reis, dominando com elas, os gênios superiores e inferiores, sendo ainda hoje, considerado por eles como um ser superior entre os homens. Era a palavra perdida dos rosencrossians, a palavra mágica que diziam que Salomão era possuidor. Também, os judeus cabalísticos atribuíram grande poder ao nome de Deus quando pronunciado de certa maneira, fazendo numerosas experiências para recuperar a virtude perdida. Esse era o objetivo dos rosencrossians ou alquimistas e, a missão filosófica e puramente abstrata dos rosa-cruzes do rito escocês de nossos dias.

Os outros graus superiores deste rito até o 33º foram estabelecidos depois por maçons zelosos que queriam devolver aos mistérios sua base primitiva.

Criaram, por conseguinte, os escoceses, os de cavaleiros adeptos e os de Kadosch, fundados uns na história dos Cavaleiros do Templo e outros para formar os conselhos administrativos estabelecidos na ordem.

O grau de cavaleiros do sol, era entre os adeptos um escola de ciências naturais, na qual se mostrava ao iniciado o grande livro de mãe natureza. Estudavam-se nela as leis particulares que a regem. Este grau, como o citado dos alquimistas, deu lugar em tempos passados a algumas experiências alquímicas, as quais a maçonaria atual abandonou, dando-lhe o caráter teórico e moral com que hoje a conhecemos.

Afirma-se que o grau de Kadosch, ou grau trinta do rito escocês, foi fundado pelos Templários. Parece-nos, todavia, dever sua origem à escola filosófica de Pitágoras, cujos discípulos têm chegado até nós. A palavra hebraica “Kadosch”, (santo, consagrado) indica melhor a idéia de encontrar-se suficientemente preparado o neófito para os grandes mistérios e não para o desejo de levar a cabo projetos de vingança, como se tem querido supor. Esta suposição advém dos inimigos da maçonaria ao paço que afirmamos ser esta a mais pura moral, assegurando por isso a sua dilatada existência.

CONCLUSÃO

Acreditamos ser o suficiente o que temos dito, para demonstrar que o objetivo da Iniciação Antiga e da Maçonaria que daquela trás origem, não é outro que o de preparar o homem para a sociedade, através do estudo das ciências e da prática de todas as virtudes que dele exige o bem estar geral.

Por infelicidade, todas as instituições humanas tem sido quase sempre combatidas pela onda destruidora do tempo e, também, a Maçonaria tem experimentado a sorte que cabe geralmente, às obras dos homens. Como sair ileso dos ataques dirigidos pela ignorância contra a filosofia? Como atravessar os séculos de barbárie que sucederam aos formosos dias da antiguidade ilustrada sem participar de algum modo da corrupção geral?

O quadro que acabamos de expor, certamente indicará ao caro leitor o que é moderno em nossa instituição e o que é de origem antiga, o que na verdade não é relevante. O que de fato importa é saber e sedimentar o conhecimento de que tudo tem sido obra de filósofos virtuosos, cuja ideia era e é introduzir na sociedade o estudo das ciências e convidar o homem ao exercício de um culto simples e livre de todas as superstições, no qual se reverencia a divindade, G.:A.:D.:U.:.

Este era e é hoje, repito, o pensamento dos “Iniciados” e a base em que repousa todo conjunto de nossa Instituição Maçônica, verdadeira escola de sabedoria. A moral que nela se ensina é pura, doce e universal. Seus dogmas e princípios não pertencem a uma única seita, nem a uma única nação. Não reconhece

nenhuma distinção social. E, se o homem é virtuoso qualquer que seja sua religião ou país, está convidado a aumentar o numero de seus membros, passando a merecer o título de Irmão e, estreitar os vínculos de amor mútuo que ligam os adeptos espalhados por toda superfície da terra, enfim, está convidado a estreitar os laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros irmãos.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo. Paulus.

ALBERTON, V. “O conceito de Deus na maçonaria”. Gráfica editora Aurora LTDA. Rio de Janeiro.

APULEIO, L. “O asno de Ouro”. Tradução de Latim por Ruth Guimarães. Editora Curtrix. 1963. São Paulo.

BLANC, C. Dos mistérios egípcios à Franco-Maçonaria. Revista Vida & Religião, especial Maçonaria. On Line Editora. www.revistaonline.com.br.

BLAVATSKY, H. P. The Secret Doctrine.

FIGUEIREDO, J. G. DE. Dicionário de Maçonaria. Editora Pensamento S. A. 1974. São Paulo, SP.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DA PARAÍBA. Ritual do Aprendiz – Maçom. João Pessoa, PB. 1992.

_____. Ritual do Aprendiz – Maçom. João Pessoa, PB. 2004.

RAGÓN, J. M. Curso Filosófico de Las Iniciaciones Antiguas y Modernas. Tradução para o castelhano por Salvador Valera. Editora Herbasa. 1984. México.

SUP. CONS. DO GR. 33 DO R. E. A. A. da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. Primeira serie GGR. Inefáveis. Ritual do Grau 4 - Mestre secreto. Rio de Janeiro: Sup. Cons. Do GR. 33 do R. E. A. A. da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. 1988. 31p.

_____. Primeira serie GGR. Inefáveis. Ritual do GR 15- CCVAV. Do OR., da Esp. E da Águia.

_____. Primeira serie GGR. Inefáveis. Ritual do Grau (Cavaleiro Eleito dos Nove).

_____. Segunda serie GGR. Históricos e Capitulares. Ritual do GR. 18- CAV. Rosa Cruz ou CAV. Da Águia Branca e do Pelicano e GGR. Intermediários 16 e 17.

NOTAS

(1). Pitágoras percorreu por 30 anos o Egito, Babilônia, Síria, Fenícia e talvez a Índia e a Pérsia, onde acumulou ecléticos conhecimentos: astronomia, matemática, ciência, filosofia, misticismo e religião. Ele foi contemporâneo de Tales de Mileto, Buda, Confúcio e Lao-Tsé. Quando retornou à sua cidade natal, Samos, indispôs-se com o tirano Polícrates e emigrou para o sul da Itália, a ilha de Crotona, de dominação grega; aí fundou a Escola Pitagórica, a quem se concede a glória de ser a "primeira Universidade do mundo".

(2). Os Mistérios egípcios eram instituições públicas mantidas pelo estado, um verdadeiro centro de vida religiosa que operava em forma de funil. Em princípio, todas as pessoas poderiam entrar nas Escolas de Mistérios, mas, poucos podiam seguir. O caminho de um iniciado durava muitos anos. Neles – nos Mistérios -, os participantes tomavam conhecimento das leis deste mundo e as leis que regem a vida após a morte, de acordo com suas crenças e como se preparar para enfrentá-la. No Antigo Egito, ao que nos parece, todos viviam para a Morte. Para os iniciados, o prosseguimento na senda só se dava aos mais preparados. Esses eram recebidos ritualisticamente e admitidos sob promessa de solene juramento de guardar segredo absoluto sobre seus ensinamentos a que eram submetidos. O que ensinavam? Ensinavam os Rituais de iniciação, da morte e da ressurreição. A cerimônia visava mostrar ao buscador a evolução do Homem e o seu retorno à fonte divina: Ao TODO, ao COSMOS. Os mistérios Egípcios eram classificados em Mistérios menores e Mistérios Maiores. Os mistérios de Isis eram considerados Mistérios menores. Os de Osíris, os Mistérios Maiores. Nos Mistérios menores o candidato era preparado em todas as ciências da época. (Seriam as matérias listadas na escada em caracol do segundo grau?). Nos Mistérios Maiores, o estudante era preparado para os estudos mais avançados e ocultos: aprendia sobre o plano mental, o céu, a Câmara do Meio, aprendiam os segredos do domínio da mente. Os iniciados tinham que passar pelas provas simbólicas do sofrimento, morte, renascimento e ascensão de Osíris. Nessa etapa, o iniciado vencida e se libertava de todas as ilusões. Os grandes centros iniciáticos no Antigo Egito estavam localizados nas cidades de Saís, Mênphis, Tebas e Heliópolis, principalmente. No Antigo Egito, segundo a maioria dos autores, as escolas iniciáticas tinham um papel muito importante. No nosso entendimento, as Escolas de Mistérios transformavam em religião os ensinamentos externáveis: Os ensinamentos EXOTÉTICOS. Todavia, a componente ESOTÉTICA era apenas transmitida aos iniciados que tinham condições de continuar recebendo informações. Fica até difícil, para um homem comum, entender o limite entre o Faraó e ou a divindade. Em cada caso, os sacerdotes desempenhavam um importante papel. Suponho que fossem como os

sacerdotes cristãos na Idade Média, os interlocutores habilitados entre os homens e a divindade.

(3). **Manes** ou **Mani** (século III Ad), erroneamente conhecido também como **Maniqueu**, foi profeta persa e fundador da religião maniqueísta (atualmente extinta). Sua doutrina dualista – o maniqueísmo -, por vários séculos, influenciou religiosos no ocidente e no oriente, geralmente associada a seitas heréticas.

(4). Sua obra mais famosa é “*Metamorphoseon Libri XI*” (Onze livros de metamorfose), mais conhecida como O asno de ouro. Apuleio escreveu também: *Floridas* (fragmentos de discursos) e *De Deo Socratis*.
